

Revista Mensal | Dezembro 2024

A BELEZA IMPORTA | Infância, beleza e magia



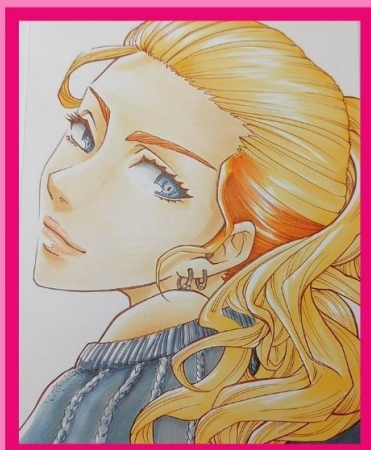
By Leônidas Pellegrini 23 de dezembro de 2024



40



0



Cinco ilustradoras falam sobre seu trabalho com o mágico universo da literatura infantil

Se eu pedir para você pensar nos seus livros favoritos da infância, é muito provável que você se lembre da história, e muito difícil que não se recorde das ilustrações. É o meu caso com os livros de Audrey Wood ilustrados por seu marido Don Wood, por exemplo. As histórias de *O Rei Bigodeira e sua banheira*, ou *A casa sonolenta*, eram excelentes, muito bem escritas, mas as ilustrações davam a elas a mágica especial que me fizeram ser inesquecíveis aqueles volumes.

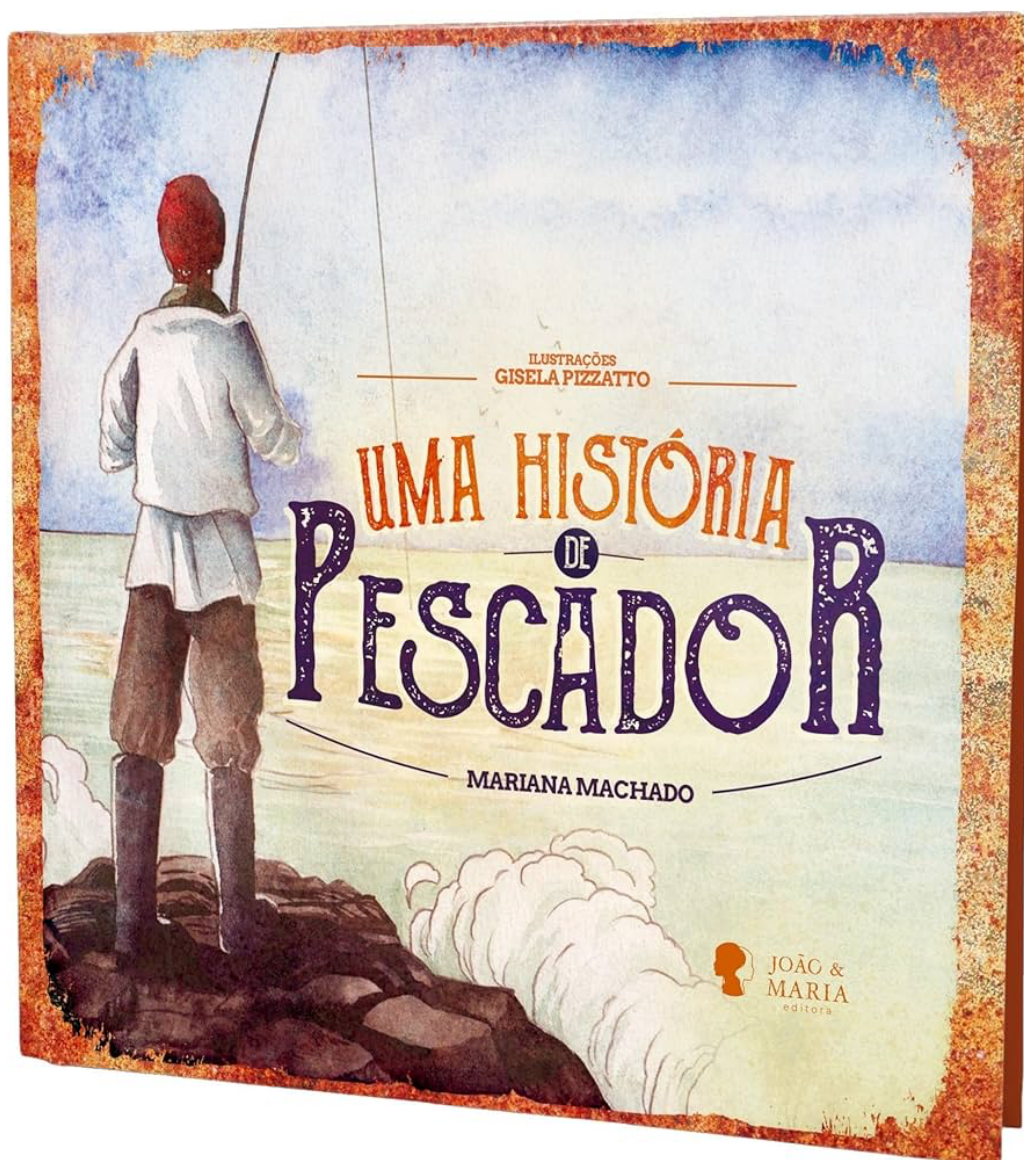
Agora, você consegue imaginar livros infantis sem ilustrações? Ou, ainda – e com estes você já deve ter se deparado – livros infantis com boas histórias, textos de excelência, mas com ilustrações meia-boca? Como fica aquela magia infantil, aquele “toque” especial e fundamental para a formação dos pequenos?

Para discutir melhor a importância das ilustrações nas histórias infantis, conversei com **cinco ilustradoras de livros infantis**: Gisela Pizzatto, Gisele Daminelli, Juliana Iasi, Juliana Morrone e Robbie Gonçalves. Essas cinco mulheres, que têm publicados seus trabalhos nos dois melhores selos infantis do Brasil em atividade, têm origens, histórias de vida e técnicas de trabalho diversas, mas algo em comum: um talento raro posto a serviço da Beleza, nesta missão de formar e encantar os pequeninos.

Revista Esmeril: Fale um pouco sobre sua relação com a arte, sua formação como artista, e por que resolveu tornar-se ilustradora.

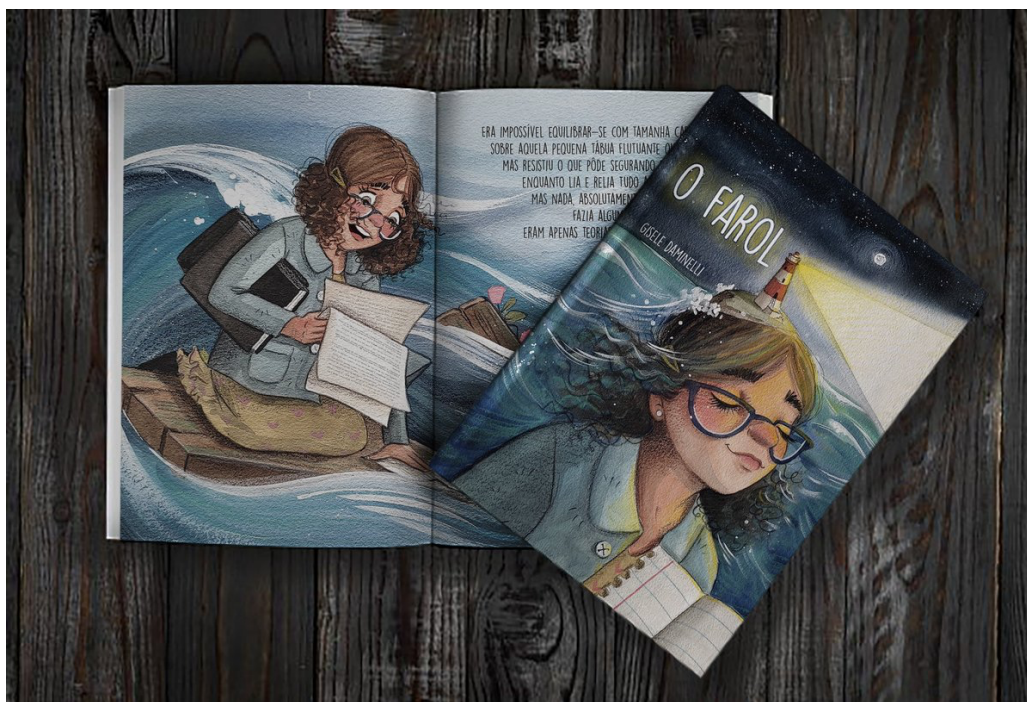
Gisela Pizzatto: A minha trajetória de artista é muito engraçada, porque ela foi simplesmente acontecendo. Desde pequena gosto de desenhar e pintar. Fiz – e faço – muitos cursos de desenho ao longo da minha vida, desde que comecei a estudar formalmente aos 11 anos. Comecei dando aulas de desenho e pintura na escola em que fiz a base dos meus estudos de arte por 10 anos. Desde então dei aula de arte em vários

lugares e hoje tenho minha própria escola de arte (dou aula há 25 anos). Nesse meio de tempo eu me formei em História, e nunca pensei que desenho seria minha profissão, mas foram surgindo convites e eu fui aceitando porque gostava daquilo. O mesmo aconteceu com a ilustração. Surgiram oportunidades de ilustração institucional, depois de ilustrações para livros de temática adulta com trabalhos no Brasil e no exterior, e então apareceram oportunidades para ilustrar para crianças. Ou seja, eu não “resolvi” me tornar uma ilustradora. Eu fui levada a isso. E é uma das coisas mais bacanas de fazer. Eu realmente adoro, pois vejo aí uma oportunidade de deixar o mundo mais lindo.



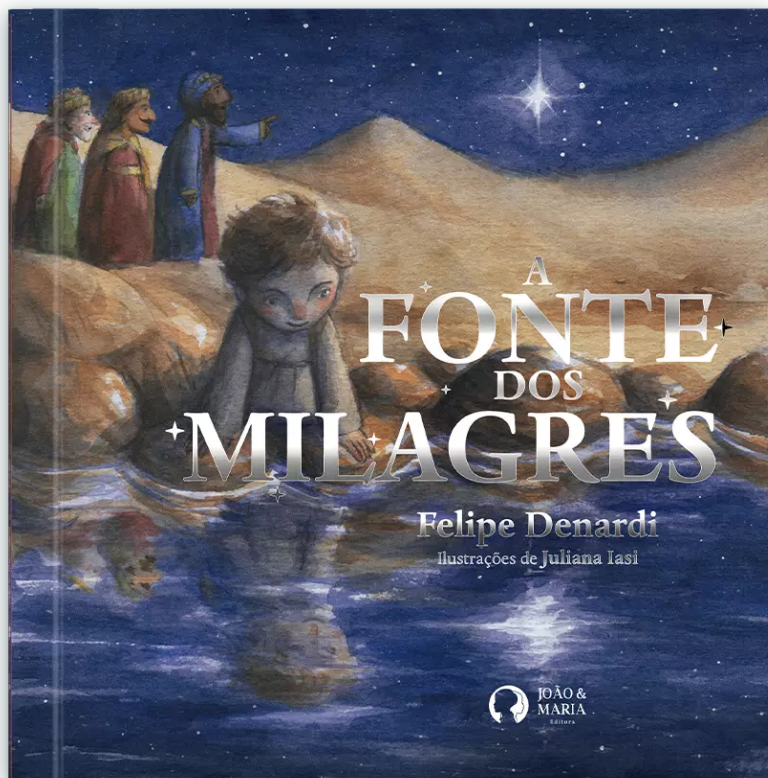
Gisele Daminelli: Das memórias mais longínquas que tenho, lá estava

eu com lápis e papel desenhando. Desde criança, essa continua sendo a melhor maneira que encontrei de expressar como vejo e sinto o mundo que me rodeia. E por esse motivo, não tive dúvida sobre qual curso superior escolher e me formei em Artes Visuais no ano de 2006. Confesso, não aprendi a desenhar lá, tudo que sei aprendi observando, treinando, apagando, tentando, apagando novamente... Mas o curso me abriu portas para o mercado de trabalho na área de criação.



Juliana Iasi: Sempre gostei de desenhar, pintar, esculpir, e fui incentivada pela família. Aprendi muito copiando de livros que uma tia me deu, de desenhos animados e de coisas da vida real. Escolhi cursar Design pensando em ser ilustradora, me inspirando em outro profissional que tinha feito o mesmo, mas até trabalhar efetivamente como ilustradora foi um longo processo de discernimento e oportunidades, no meio do qual desisti algumas vezes. Cogitei ser designer de estampas, fui web designer, designer de interfaces e até cheguei a trabalhar como desenvolvedora. Enquanto isso peguei alguns trabalhos pontuais de ilustração, mas só comecei a trabalhar com isso de forma “oficial” em 2023, para o Reino de Massapé, com muito incentivo da Rebeca Traldi, que me possibilitou oportunidades

essenciais para a minha carreira hoje. Minha decisão de ser ilustradora foi movida pela paixão, pelas oportunidades e pelo desejo de fazer render minhas habilidades para servir à sociedade.



Juliana Morrone: Desde pequena, sempre desenhei. A ilustração foi minha forma de processar o mundo e expressar aquilo que não conseguia dizer com palavras. Minha formação começou com o curso técnico de Artes Gráficas, pela escola SENAI Fundação Zerrener, em 2010; depois, em paralelo, a faculdade de Design Gráfico na Universidade Mogi das Cruzes. Também estudei pintura digital e criatividade e desenho no papel pela Escola Belas Artes de São Paulo em 2012, mas a vida tomou outro rumo quando, no último semestre da faculdade, a maternidade chegou, desfazendo meus planos e tornando minha carreira melhor do que poderia imaginar. Embora não tenha

terminado minha faculdade, foi exatamente nesse momento que minha carreira como ilustradora tomou um caminho mais profundo. A maternidade não só me deu um novo olhar sobre o mundo, mas também fez minha arte se transformar. **Foi com a chegada da minha filha que passei a me conectar de maneira mais intensa e sensível com o universo infantil.** Hoje, sou ilustradora de livros infantis, e vejo esse trabalho como uma oportunidade de marcar os corações pequeninos com imagens que, aliadas a um texto de excelência, produzirão frutos em suas almas. Para mim, **a arte não se resume à mera expressão de sentimentos temporários.** Ela tem o poder de ultrapassar as fronteiras do imediato, de ir além das emoções passageiras e nos conectar a algo mais profundo, mais eterno — seja no espírito, nas ideias ou no tempo.



Robbie Gonçalves: Eu nasci ilustradora, mas acabei precisando tomar um rumo bem diferente, devido às circunstâncias da vida. Me formei em Oficial da Marinha Mercante, traduzindo de forma mais fácil, me formei em Piloto de navios e, por muitos anos, insisti nesse caminho que eu sabia que não era o meu destino. Quando você nasce para fazer uma determinada coisa, o Universo sempre vai dar um jeito de te colocar no

caminho, de uma forma ou de outra. Anos depois, entre uma folga e outra, me formei em **Ilustração de Livros Infantis** pela *London Art College* e, depois de mais alguns anos, criei coragem para seguir meu sonho.

Minha relação com a arte sempre foi muito forte e intensa desde a infância. Sabe aquele arrepio nos pelos do braço e aquela sensação de aperto no peito como se algo estivesse tentando sair? Como se milhares borboletas estivessem voando descontroladamente dentro do seu peito, procurando desesperadamente uma saída? É assim que me sinto quando vejo uma obra de arte ou escuto uma música que me toca profundamente. Esse sentimento incontrolável e de difícil descrição foi o que sempre me puxou para a ilustração. A possibilidade de criar mundos, de transformar palavras e pensamentos em imagens. Então, eu digo que não me tornei ilustradora, mas NASCI ilustradora. Esse foi o presente que a Natureza me proporcionou. E sou grata todos os dias por isso.



Revista Esmeril: O que a motivou a escolher o universo da literatura infantil para trabalhar?

Gisela Pizzatto: O universo infantil é uma das minhas linhas de trabalho, mas é um dos mais legais de trabalhar pela versatilidade que proporciona. Sempre adorei livros ilustrados, desde estudante. Amo os ilustradores do século XIX e início do XX, eles ilustravam contos de fadas da maneira mais maravilhosa possível, e eu tenho algumas publicações com essas ilustrações há muitos anos. Quando tive filhos, o olhar mudou um pouco. Eu via muitos livros infantis feios de verdade! Ilustrações horrorosas, sem graça e sem capricho. E isso me deixava muito incomodada, pessoalmente insultada. Por várias vezes pensei que poderia fazer os livros para os meus filhos, e por algumas vezes comecei alguns projetos. Mas nunca consegui levar adiante por

motivos de tempo e outros compromissos de trabalho. Hoje eu ajudo papais e mães a oferecerem ilustrações feitas com capricho e amor, belas, e também ajudo os pais a não passarem a raiva que eu às vezes ainda passo ao ver livros para crianças.

Gisele Daminelli: Entrei nesse universo por acaso, após um editor ver meu trabalho na internet e acreditar que meu traço se encaixaria com o livro que iriam publicar. Na verdade, era um sonho de infância que eu tinha, poder ilustrar livros infantis.

Juliana Iasi: Literatura infantil é um universo que me encanta por diversos motivos. Trabalhar com crianças, boa literatura, fantasia, contar histórias visualmente... O livro com ilustrações permite um contato com a arte de forma muito acessível, e apresenta um modo único de interação e espacialidade. Além de tudo, é muito gratificante contribuir de algum modo para o desenvolvimento da cognição e formação do senso estético e contemplativo das crianças.

Juliana Morrone: Em 2019 fui convidada pela minha amiga Camila Abadie a fazer parte do projeto Clubinho Literário, para cuidar dos projetos gráficos do clube. Foi por causa do Clubinho Literário que pude me desenvolver no ramo editorial infantil e, no decorrer dos anos, fui aliando o design com a ilustração.

Robbie Gonçalves: Sabe aquelas crianças que sempre criam coisas e estão sempre inventando histórias fantásticas? Eu era aquela criança que sempre se perdia no supermercado porque seguia coelhos brancos imaginários pelos corredores ou encontrava fadas nas árvores a caminho da escola. Acho que já nasci com esse “defeito de fábrica” mesmo. Vivia mais nos Contos de Fadas do que no próprio Mundo Real. Infelizmente, na vida adulta não é possível fazer muitas visitas aos Contos de Fadas. Então a Realidade cai como uma chuva de granizo intensa, onde os pedaços de gelo são tão grandes quanto tijolos.

Fui uma criança com muita expressão, mas com dificuldades de ser entendida. Sempre me senti incompreendida. Isso me frustrou na vida adulta. Encontrava nos Contos de Fadas a compreensão que eu necessitava. Então foi isso que me motivou a insistir na carreira de ilustração. Quero expressar os sentimentos da Robbie criança e, se eu conseguir alcançar pelo menos uma única criança (ou adulto) hoje que se sente como eu me sentia, ficarei eternamente feliz e satisfeita. Esse foi o único motivo para me tornar “criadora de livros ilustrados”.

Revista Esmeril: Qual a importância dos ilustradores para as histórias infantis?

Gisela Pizzatto: Um texto excelente pode ficar esquecido ou ser pouco atrativo para crianças pequenas sem algo que chame a atenção. A ilustração tem esse trabalho: transformar a história em algo mais concreto, traduzindo em imagem as palavras, além de encantar e chamar a criança para o texto. Uma ilustração que não encanta, ou que está desconexa do texto, não cumpre a sua função.

Gisele Daminelli: Acho fundamental, tornando a história magicamente palpável.

Juliana Iasi: Lembro-me até hoje de algumas ilustrações que vi em livros de quando era criança. A infância é um momento crucial no desenvolvimento humano, e muito do que consumimos nessa idade nos forma. A boa ilustração, além de ser um atrativo para a literatura, contribui no desenvolvimento cognitivo, imaginativo, e pode elevar o espírito, nos conduzindo à contemplação do que é verdadeiramente belo, nos ajudando a encontrar a beleza nas coisas, ampliando e aguçando nossa percepção estética. Além disso, eu diria que a boa ilustração é capaz de aumentar a imersão e mover os afetos do leitor frequentemente com mais eficácia que o próprio texto. A comunicação visual é mais primária e natural que a textual, é uma forma mais direta e introdutória de se contar histórias. Não é à toa que se diz que “uma

imagem vale mais que mil palavras”, ainda que haja palavras que valham por mais que mil imagens também.

Juliana Morrone: Os ilustradores são fundamentais nas histórias infantis, pois são eles que dão vida ao texto e criam o espaço visual onde a imaginação das crianças pode se expandir. A ilustração vai além de simplesmente ilustrar palavras; *ela oferece uma camada extra de significado*, tornando o conteúdo acessível e repleto de possibilidades para o olhar curioso e em formação dos pequenos.

Robbie Gonçalves: Os ilustradores são capazes de transformar ideias em imagens, são capazes de criar universos fantásticos e trazer de volta a magia da infância e dos sentimentos. Não só da infância. Ilustradores são pessoas capazes de criar, transformar, reacender sentimentos até mesmo de adultos. Para a criança, uma ilustração pode se tornar o mundo dela, pode até transformar o mundo dela. Talvez ela ainda não compreenda bem os sentidos das palavras, mas as imagens sempre saberão se comunicar perfeitamente. Somos seres visuais. As palavras vieram depois. A primeira comunicação foi feita através de desenhos. A comunicação através de imagens faz parte da essência do ser humano, da sua genética, do seu âmago. Está lá. Sempre esteve.

Revista Esmeril: Quais são as técnicas que você usa em seu trabalho, e como é seu processo criativo?

Gisela Pizzatto: Uso muitas técnicas, cada texto pede uma técnica, um tipo de ilustração. Trabalho com mídias digitais e tradicionais, mas minhas preferidas são a aquarela e o nanquim. Normalmente, depois de ler o texto, começo decidindo o estilo que será usado no trabalho. Quando é possível e tenho tempo, costumo pensar muito na história e procurar imagens que traduzam aquilo que eu estou querendo ilustrar, fazendo um *moodboard* para servir de inspiração e referência. Se estou trabalhando com uma história que se situa em algum tempo e espaço específicos, também faço uma pesquisa histórica e de costumes.

Gisele Daminelli: Trabalho manualmente com aquarela e o lápis de cor para dar os acabamentos. Para criar os personagens e suas posições, uso muito a técnica de encenar uma parte do texto, gravar o vídeo e escolher um frame mais expressivo para reproduzir o desenho através da observação.

Juliana Iasi: Eu trabalho com técnicas variadas: digital, aquarela, guache, giz pastel oleoso... Mas ultimamente tenho usado bastante aquarela. Meu processo criativo se inicia com a compreensão do texto, seguido do esboço dos personagens principais e definição de estilo, buscando referências se necessário. Com isso definido, passo para a etapa de “esboço colorido”, em que eu desenho e pinto digitalmente de forma básica cada página, enquadrando o texto caso ele não tenha uma posição pré-fixada. Se aprovado, eu transfiro para o papel e finalizo com a técnica tradicional escolhida. Por último, escaneio a pintura e faço o tratamento digital, eventualmente corrigindo o que estiver errado.

Juliana Morrone: Minha técnica é a aquarela digital, especificamente. Tento absorver tudo o que posso sobre o tema do livro, sobre os personagens e o universo que estou criando. Às vezes isso envolve observar o comportamento infantil (e a parte boa é que tenho 6 exemplares em casa para observar!), buscar referências visuais, ou até mesmo fazer anotações e esboços rápidos para tentar capturar a essência do que quero comunicar.

Robbie Gonçalves: Minha técnica preferida é a aquarela. Ela é leve e fluida. Entretanto, para ilustrações infantis, dependendo da idade, gosto de utilizar outros recursos como guache, lápis de cor, giz pastel, colagem. A técnica utilizada sempre vai variar de acordo com a faixa etária e o público destinado.

Meu processo criativo sempre começa com música. Sempre. A música acalma e esvazia a mente para que um mundo seja construído. Como uma folha em branco. Depois que a nuvem de pensamentos se dissipa,

faço a leitura do texto a ser ilustrado, então uma primeira imagem surge. Depois as primeiras cores. A partir dessa primeira imagem, começo a buscar referências para desenvolvê-la. Prefiro as referências em livros físicos. Não sou muito apegada aos meios digitais. Tenho diversos artbooks de artistas que admiro e inúmeros livros infantis que coleciono. Minhas primeiras buscas são neles. Depois gosto de pesquisar no Pinterest (uma ferramenta que descobri somente este ano, por incrível que pareça!).

Mas a criatividade é um músculo que sempre precisa ser exercitado, então o processo criativo para iniciar um trabalho não é algo pontual e momentâneo. A primeira imagem que aparece na folha em branco da mente é fruto de anos de estudos e de estímulos criativos. É um aprendizado constante, criar e pintar todos os dias mundos imaginários que ninguém nunca verá. Como disse Picasso: “A inspiração existe, mas tem que te encontrar trabalhando”. Se você não possui uma biblioteca de imagens e experiências na sua cabeça, frutos de disciplina e constantes aprendizados, não vai existir aquela inspiração mágica que te faz acordar de madrugada com a solução para aquela página perfeita do livro que você está ilustrando, mas que por algum motivo entrou em bloqueio.

Revista Esmeril: De todos os trabalhos que você já fez, qual foi o que mais gostou, e por quê?

Gisela Pizzatto: Tenho dois preferidos, em estilos muito diferentes: *O Casamento do Sol e da Lua*, editado pela João e Maria, e pela mesma editora o *Cordel de Santa Joana D’Arc*. No *Casamento* me agradou muito o resultado final, especialmente por conta das cores, e também foi um processo bastante desafiador em relação a transformar astros em seres vivos. O *Cordel* envolveu muita pesquisa histórica (que eu adoro, pois sou historiadora de formação) e pude trabalhar com pincel e nanquim, uma técnica que gosto muito. Ficou um trabalho poderoso e delicado ao mesmo tempo.



Gisele Daminelli: O mais importante trabalho que fiz sempre será o primeiro, *Alice no país das maravilhas*, pela editora Texugo. O que mais gostei tem sido sempre o último livro ilustrado, sinal de que estou trabalhando com o que amo e evoluindo meu traço.



Juliana Iasi: Difícil escolher... Acredito que um que está para sair será o melhor que ilustrei até agora. Dos que foram publicados, tenho um carinho especial pelo livro *A Lenda do Pinheirinho*, por ser o primeiro (infantil) publicado, por ter usado giz pastel oleoso — um material do qual gosto muito —, pelo poema em si, que é lindo, e por ter achado

que as ilustrações ficaram bonitas também. Mas *O Pato Sapato* também é um favorito por ter marcado minha estreia com aquarela, pelo estilo que me agrada e pela história que é muito divertida.

Juliana Morrone: Sem dúvidas o projeto que estou ilustrando agora e que deve ser lançado no segundo semestre de 2025, pela Editora João e Maria. Não posso dar muitos detalhes, mas o que posso dizer é que amo trabalhar com livros que tenham temas de dinâmica familiar.

Robbie Gonçalves: Bom, eu não tenho muitos livros publicados oficialmente, pois assumi minha carreira de ilustradora em 2024 (tenho mais livros em andamento do que publicados), então, eu gostei muito de ilustrar *O Melhor Presente de Natal* para a Editora Texugo. Foi um trabalho divertido e que me desafiou a sair da zona de conforto e aprender a ilustrar animais.



Revista Esmeril: Existe alguma história que você sempre tenha desejado ilustrar e ainda não teve a chance de fazê-lo?

Gisela Pizzatto: A lista é enorme: Os Cisnes Selvagens, o Ciclo Arturiano, as lendas celtas envolvendo Finn McCumhail, o Quebra Nozes e.... realmente, a lista não tem fim.

Gisele Daminelli: Eu tive o privilégio de ilustrar *João e o pé de feijão*, pela editora João e Maria. Essa sempre foi minha história preferida. De momento, não consigo pensar em um outra.



Version 1.0.0

Juliana Iasi: Eu gosto de histórias originais e bem feitas, das temáticas de fantasia e bichos, e me sinto realizada com o que tenho feito nesse sentido. Desejo faz tempo ilustrar minhas próprias histórias. Escrevi um livro junto com a Rebeca Traldi, ilustrei e fiz a diagramação. Acredito que será publicado em breve!

Juliana Morrone: Tenho muita vontade de ilustrar livrinhos preparatórios para Primeira Comunhão das crianças e de temas católicos em geral. Gostaria muito de trazer referências vintage e extremamente delicadas que observo nos materiais antigos para livros de agora. Acho que tem tudo a ver com meu estilo de ilustração infantil. Simples e delicado.

Robbie Gonçalves: “A Pequena Sereia” é um dos meus Contos de Fadas preferidos. Eu lembro que tinha um conjunto de livrinhos com contos do Hans Christian Andersen, e um desses livros era “A Pequena Sereia”. Capa rosa, com a ilustração da sereia no final de sua puerícia, cabelos castanhos não muito longos e cauda amarela, sentada em uma pedra observando um navio ao longe. O rosto da sereia não era visível, mas eu sabia que seu olhar era triste e distante. Sempre soube disso de

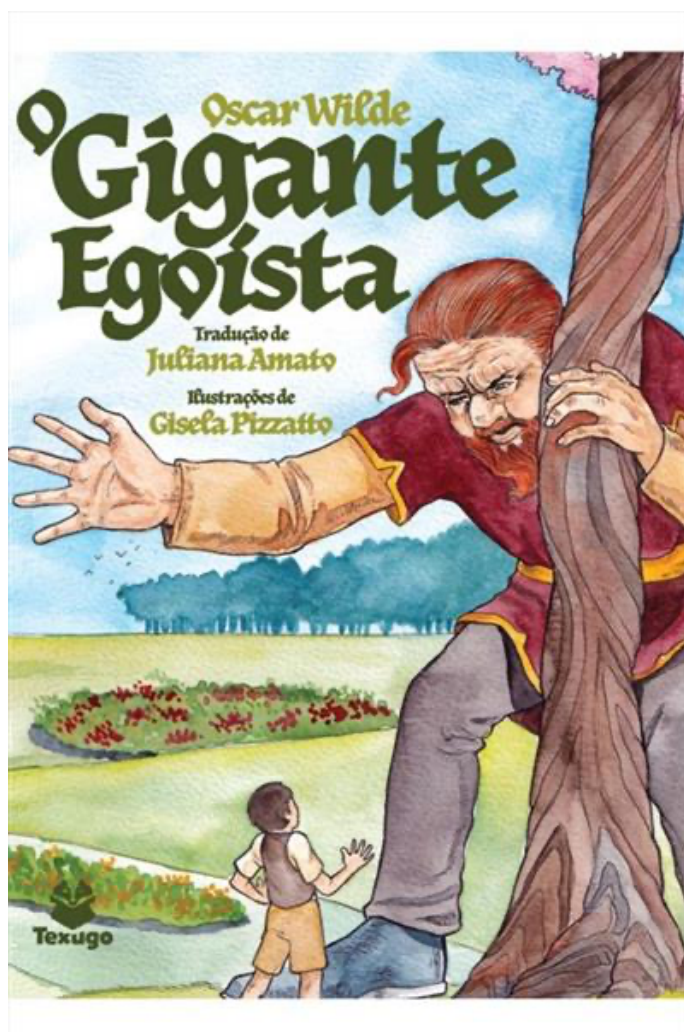
alguma forma. E sempre me identifiquei. Acho que foi uma premonição para o meu futuro a bordo dos navios mercantes....

Esse conto, com seu final original, em que a Pequena Sereia se transforma em espuma do mar, me ensinou a maior e mais dura lição que uma criança poderia aprender e levar para a vida adulta: nem sempre conseguimos o que mais desejamos. E, às vezes, o que é o melhor para nós, de alguma forma, seja o sofrimento de outra pessoa. Você está disposto a prejudicar alguém inocente para conseguir o que tanto deseja?

“A Pequena Sereia” me ensinou o valor do caráter e da bondade. Cresci com esse ensinamento e forte senso de que nunca seria capaz de prejudicar alguém para conseguir o que eu quero. Prefiro virar espuma do mar.

Revista Esmeril: Para terminar: como seu trabalho justifica a frase que dá título a esta seção, “A beleza importa”?

Gisela Pizzatto: Falando de maneira pragmática, sem a beleza a ilustração não chama a atenção das crianças e falha logo de cara na sua função primordial. Em outro aspecto, eu busco a beleza no meu trabalho porque não sei outra maneira de trabalhar. Buscar a excelência, o detalhe, a harmonia, o melhor entendimento passa por fazer e refazer várias vezes, por tentar superar dificuldades e desafios. É o processo como um todo que leva à beleza, que se apresenta no produto final daquilo que eu procuro entregar para as crianças.



Gisele Daminelli: Muita gente me fala que sente algo bom e nostálgico no meu trabalho. E saber disso me deixa extremamente feliz e realizada. Num mundo em que muitos usam seu dom, talento, habilidade para chocar, prefiro arrancar um simples sorrisinho, aquele sorriso que nos lembra a pureza da nossa infância.



Juliana Iasi: Acredito que se justifica devido a minha busca por produzir beleza de diferentes formas e encantar com minhas ilustrações. Espero alegrar as pessoas e inspirá-las a serem mais contemplativas e melhores.



Juliana Morrone: Olha, a princípio, eu confesso que achei essa pergunta um tanto intrigante. Mas, agora, depois de compartilhar tudo o que compartilhei, de olhar para trás e lembrar da minha infância e da minha relação com as artes, e também de perceber como fui reconduzida a essa área por causa de uma criança que apareceu inesperadamente naquele momento da minha vida — por exemplo — e de como, por causa dessa criança, pude perceber coisas novas... Eu acredito que meu trabalho (e o trabalho dos ilustradores que reconhecem essa responsabilidade, de forma geral) é o plantio dessa frase no imaginário e no coração das criancinhas desde cedo. Esses pequenos, que aprenderam desde cedo a reconhecer a beleza, quando adultos terão uma visão mais facilitada para reconhecê-la e entender de onde ela vem. E, no final, ela vem de uma Pessoa.



Robbie Gonçalves: “A arte é consolar aqueles que estão quebrados pela vida.” – Van Gogh

Acho que a arte precisa sempre andar de mãos dadas com a beleza. Na minha opinião, a arte precisa trazer conforto aos olhos e aos sentimentos. Ela tem o poder de tocar as pessoas e de transmitir emoções profundas. O mundo já é cruel e feio demais, estamos adoecendo e sofrendo. Temos ansiedade, depressão, raiva e estresse o tempo todo no dia a dia. Olhamos para prédios que parecem caixões, um mundo cinza e sufocante. Por que a arte também precisa machucar, causar repulsa ou desconforto? Qual é o sentido disso?

Eu não consigo apreciar arte que me traga sentimentos ruins. A arte precisa trazer beleza. E é isso que eu quero passar através da minha arte. Quando dizemos “beleza”, muitas pessoas interpretam como

beleza física, estética, uma mulher bonita, por exemplo. Não! Beleza é tudo aquilo que traz conforto aos olhos e aos sentimentos. Sejam música, poesia, pintura, arquitetura e muitas outras formas de arte. A Natureza em si.



As crianças precisam crescer apreciando a beleza. Se uma criança cresce apenas vendo coisas que machucam, que geram desconforto constante, sem nenhum tipo de alívio, nenhum lugar onde possa sentir conforto e sorrir, isso se tornará a sua realidade. Ela crescerá e acreditará que aquilo é o normal. Que tipo de seres humanos existirão daqui a 30, 40 ou 50 anos? Eu tenho medo dessa resposta...

Esmeril Editora e Cultura. Todos os direitos reservados. 2024

PHP Code Snippets Powered By : XYZScripts.com